



Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa

Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem

Volume II - Região Planalto Meridional

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Luís Alberto Pires da Silva

Jean Carlo Gessi Caneppele

Roberto Verdum

Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa

Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem



Volume II - Região Planalto Meridional

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Luís Alberto Pires da Silva

Jean Carlo Gessi Caneppele

Roberto Verdum

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Luís Alberto Pires da Silva

Jean Carlo Gessi Caneppele

Roberto Verdum

**Atlas das Belezas Cênicas das
Paisagens do Pampa:
Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem**

Região Planalto Meridional

Volume II

Porto Alegre

Instituto de Geociências

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Jane Fraga Tutikian

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

ATLAS das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa: olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem - Região Planalto Meridional. / Lucimar de Fátima dos Santos Vieira...[et. al.]. - Porto Alegre : IGEO/UFRGS, 2020.
v. 2. il.

ISBN: 978-65-86232-29-5 (Volume 02)

Geografia. 2. Pampa. 3. Paisagem. I. Vieira, Lucimar de Fátima dos Santos. II. Silva, Luís Alberto Pires da. III. Caneppele, Jean Carlo Gessi. IV. Verdum, Roberto. V. Título.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS
Renata Cristina Grun CRB 10/1113

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus do Vale Av. Bento Gonçalves, 9500 - Porto Alegre - RS - Brasil
CEP: 91501-970 / Caixa Postal: 15001.
Fone: +55 51 3308-6569 Fax: +55 51 3308-6337
E-mail: bibgeo@ufrgs.br

Desenho da Capa:

Janice Martins S. Appel

Fotografia da Contra-Capa:

Germano Schurle

Projeto Gráfico:

Luís Alberto Pires da Silva

Projeto Cartográfico:

Jean Carlo Gessi Caneppele

Lucimar F S Vieira

Roberto Verdum

Colaboradores:

Laura Rudzewicz

Maurício Ragagnin Pimentel

Tânia Cristina Gomes

PREFÁCIO

Aprender a ver de outro modo

Atlas é narrativa. Estou consciente de que essa afirmação causará estranheza em vários geógrafos, geólogos, cartógrafos e leigos. Qualquer definição usual de atlas nos garante que ele é uma coleção de mapas e de outras informações cartográficas, geográficas, astronômicas, agrupadas tradicionalmente na forma de livro e nos tempos atuais também com a leveza, a agilidade de acesso e o poder de difusão dos formatos eletrônicos.

Muito bem, mas uma coleção de mapas e de outras informações cartográficas, geográficas, astronômicas apresentadas sob uma determinada forma não é uma narrativa? Um perspicaz leitor de atlas responderá: sim. Pergunte a um militar em guerra se ele concorda com a afirmação, é claro que ele concordará. A coleção de mapas e de outras informações cartográficas, geográficas, astronômicas colocadas ao seu dispor estarão a lhe contar as melhores maneiras de escolher os movimentos para o seu exército.

Atlas é narrativa, escolha de perspectivas, tomada de posição. Por exemplo, o primeiro livro considerado atlas foi editado em Bolonha em 1477 e continha 27 mapas elaborados por estudiosos de textos e mapas de Cláudio Ptolomeu, geógrafo grego que viveu no segundo século depois de Cristo. Sagan* nos conta que Ptolomeu foi um estudioso da esfera celeste e mesclava o que hoje diferenciamos com as noções contrárias de ciência e misticismo. Com seus mapas, Ptolomeu tornou-se um dos mais importantes coautores de uma grande narrativa que atravessou séculos: a Terra é o centro do Universo e o Sol e as estrelas e as constelações de estrelas giram em torno de nós. Uma narrativa associada à manutenção da ordem vigente no século quinze e no mundo que fez vir a lume o livro posteriormente reconhecido como o primeiro atlas.

*SAGAN, Carl. Cosmos. Lisboa: Editora Gradiva, (1980) 2009.

Narrar é inseparável da condição humana: trata-se de uma tentativa de conciliação entre a história reconfigurada pelo jeito de contá-la e o caráter temporal e dramático da existência. É uma busca de sentidos para a existência, isto é, uma busca para instituir sentidos para a existência – contar e ser escutado, enunciar e tentar ser aceito.

Narrar é uma ação entre o eu e o outro, entre o pessoal e o coletivo. Quando salientamos as diferentes dimensões escalares temporais e espaciais simultaneamente existentes no coletivo, melhor compreendemos o quanto a conversa entre mim e o meu vizinho está imersa no social e cultural, o quanto somos geografias e histórias encarnadas em nossas existências individuais.

Que narrativas queremos contar? Quais os sentidos que desejamos enunciar? E escutar, ler, receber, avaliar?

Sintetizo minha recepção do *Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa* deste modo: narrativa necessária e bela pelo que escolhe mostrar e o método através do qual foi realizada.

A obra se explicita como narrativa ao enunciar logo de entrada, na forma de subtítulo, para onde pretende caminhar, a direção para a qual pretende convidar a sensibilidade e a cognição do receptor: *olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem*.

Algo pouco comum em obras científicas, declarar com tal ênfase um afeto casado a uma tomada de posição – para valorizar a paisagem. Essa valorização da paisagem expressa no subtítulo está associada ao destacado no título – as belezas cênicas das paisagens do Pampa. Ora, sabemos que os pampas estão, há tempos, postos sob uma encruzilhada de divergentes propostas de rumos defendidas por diferentes interesses sociais, econômicos e políticos. O presente atlas vem colocar a beleza e o patrimônio cultural da paisagem como dimensões que podem reivindicar um lugar central na arena política dessa encruzilhada.

Olhar, ler, refletir e compreender: é justamente isso que Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Luís Alberto Pires da Silva, Jean Carlo Gessi Caneppele e Roberto Verdum, autores do *Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa*, praticam página a página. Eles mostram, cativam com as belezas visuais oferecidas ao olhar do leitor. Fornecem informações de variados tipos e, com isso, qualificam a leitura com subsídios fundamentais. Inter-relacionam essas informações e, desse modo, com a precisão de quem faz ciência, eles conduzem a narrativa do patamar informativo e introdutório para níveis superiores, que propiciam questionamentos, reflexões, construções de conhecimentos. A cognição vem casada com a sensibilidade proposta desde o início – compreender para valorizar a paisagem.

O que é a beleza considerada através da perspectiva que a liga ao patrimônio afetivo de uma cultura? Como ela se constitui e como, em sua constituição, podemos aprender a ver de outro modo e enxergar amalgamados no espaço o tempo geológico e a temporalidade da história humana? Que consequências nos traz essa aprendizagem sobre o ver de outro modo?

Narrar é inseparável da condição humana: trata-se de uma tentativa de conciliação entre a tentativa de aprender a enxergar e o caráter dramático das encruzilhadas em que a existência está posta. É uma busca de sentidos para a existência e para os espaços onde esta se realiza, isto é, uma busca para instituir sentidos – narrar e ser escutado, enunciar e tentar ser aceito.

Aí está, na encruzilhada de motivos sociais, econômicos e políticos em disputa e sob os quais os pampas estão postos, uma obra científica e pedagógica vem oferecer à pauta do debate os valores da beleza, do afeto aos lugares, do patrimônio cultural da paisagem.

As narrativas geográficas muitas vezes serviram para fazer a guerra, mas esse engajamento de corações e mentes – a narrativa geográfica – serve também para nos colocarmos no rumo de muitos outros caminhos.

Que venham então os valores do afeto e da beleza para o centro do debate e das decisões sobre as geografias nas quais queremos viver.

Nelson Rego
Porto Alegre, 24 de dezembro de 2017.